

Eu e você, você e eu na língua: uma abordagem interacional para o ensino de língua estrangeira

Eduardo Dias da Silva¹

Resumo: Apresentamos, neste artigo qualitativo oriundo de uma pesquisa interpretativa de modalidade documental, os princípios teóricos em torno dos conceitos de língua e de linguagem com o objetivo de justificar, um dos possíveis arcabouços teóricos, utilizado no ensino de língua estrangeira (LE). Buscamos destacar o papel da língua, linguagem e da enunciação, salientando a questão da polissemia na constituição destes para o ensino de LE. No presente trabalho concebe-se a linguagem como um processo de interação entre sujeitos sócio-historicamente situados, e não mais a língua isolada do contexto em que é produzida, ou seja, uma linguagem que desempenhe um papel primordialmente social. Desta forma, o uso da linguagem está ligado aos diversos campos da atividade humana e pode ser historicamente construído em torno das trocas nas interações sociais. Alicerçado neste pressuposto da linguagem e para se evitar a prática de ensino que tenha como foco meramente as acomodações de trocas linguísticas, privilegia-se uma prática de ensino de LE que busca contribuições para uma possibilidade de mudança no contexto de ensino e de aprendizagem de uma LE.

Palavras-chave: Língua e linguagem. Abordagem interacional. Ensino de língua estrangeira

Abstract: We present in this article came from a qualitative interpretative research information retrieval mode, the theoretical principles on language concepts and tongue in order to justify one of the possible theoretical frameworks used in foreign language teaching (FL). We seek to highlight the role of language, tongue and enunciation, emphasizing the issue of polysemy in the constitution of those for FL teaching. In the present work is conceived language as a process of interaction between socio-historically situated subjects, and no longer isolated language of the context in which it is produced, ie, a language that plays a primarily social role. Thus, the use of language is linked to various fields of human activity and can be historically built around the changes in social interactions. Founded this assumption of language and to avoid the practice of teaching that focuses on the linguistic exchanges accommodations merely emphasizes a FL of teaching practice that seeks contributions to a possibility of change in teaching and learning context of a FL.

Keywords: Tongue and language. Interactional approach. Foreign language teaching

¹ Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília, Brasil(2014); Professor de LEM/Francês do Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

INTRODUÇÃO

Ao compreender que a língua é construída socialmente e que ela produz mudanças nos participantes de um determinado contexto, percebe-se a relevância da disposição de um olhar mais crítico sobre as práticas de ensino de línguas, particularmente, no caso deste estudo, as que se referem ao ensino de línguas estrangeiras (LE). Isso porque, segundo Marcuschi (2012), não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações situadas. Assim, a língua e a linguagem tornam-se algo pertencentes à comunidade e não a indivíduos concebidos isolada e independentemente. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 51), e para tal, “as concepções alternativas do homem nas quais ele é visto antes e sobretudo como ser social. O social nessas concepções é visto como atributo essencial do homem, a sua própria natureza”.

É considerando tal perspectiva de língua e linguagem que esta pesquisa é desenvolvida, indo além de uma concepção que considere a língua apenas no seu aspecto estrutural ou sistêmico. Abordamos, portanto, a língua como um processo dinâmico de construções. Por outra perspectiva, que trata a língua como uma atividade cognitiva ou apenas um sistema de representação, pode-se incorrer no risco de outra redução, que a confina a sua condição exclusiva de fenômeno mental e sistema de representação conceitual.

A língua envolve atividades cognitivas, mas não é um fenômeno apenas cognitivo, pois de acordo com a teoria sócio-interacionista, como esclarece Vygotsky (1989) no livro *Pensamento e linguagem*, há que se levar em conta pesquisas sobre a importância da linguagem no desenvolvimento do pensamento

O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas determinado por um processo histórico e cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Uma vez admitido o carácter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana (VYGOTSKY, 1989, p. 63).

Pode-se entender que o pensamento dos indivíduos se organiza e se desenvolve pelo acúmulo lento de interações e experiências socioculturais e históricas mediadas *na/pela* linguagem entre os indivíduos em uma dada comunidade. Pode-se entender ainda que o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem e que isso se estende para além dos limites da ciência natural, ou seja, a natureza do próprio desenvolvimento da linguagem se transforma do biológico para o sócio-histórico.

Desta forma, o uso do termo *língua* não se refere a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem às relações linguísticas imanentes. Ao contrário, de acordo com Marcuschi (2010),

[...] a concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças) histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como o texto e o discurso (2010, p. 43).

A língua, a linguagem e a enunciação, frisando uma vez mais, são vistos na perspectiva do uso e não do sistema. Logo, é evidente que a produção de sentidos compreenda vários elementos que vão além dos verbais, como o olhar, os gestos, os movimentos faciais e corporais e a entonação na fala.

Versamos, agora, sobre o entendimento do que é uma LE, vinculado aos pressupostos discutidos sobre a língua e linguagem, mencionados anteriormente. A língua envolve múltiplos processos da intersubjetividade, ou seja, para se ensinar-aprender uma LE faz-se necessário dar atenção ao conjunto, integrando o sujeito que aprende, o sujeito que ensina e o ambiente: no caso, a instituição, a sociedade constituinte da comunidade linguística tanto da língua-alvo como também da língua materna (LM) e demais ambientes nos quais ocorram o processo de ensinar e aprender uma língua.

A LE remete ao estranho, ao desconhecido, ao novo que pode trazer desafios, prazeres ou até mesmo bloqueios e inibições, pois ela mexe com a língua que constitui os sujeitos (professores e aprendentes²) e vai mais

² Optamos neste trabalho pelo uso do termo *aprendente* ao me referir ao sujeito que aprende, pois considero a aprendizagem uma construção individual e interna, realizando-se num processo histórico,

além! Ela quebra ou, até mesmo, confronta os conceitos, as crenças e os signos já existentes, dentro da consciência de cada sujeito carregada pela língua materna (LM) que o constitui. Como bem explicado por Anderson, “aprender uma outra língua é se constituir uma palavra outra, ou seja, um tornar-se outro” (ANDERSON, 1990, p. 173, apud REIS, 2008, p.126).

Língua e linguagem na interação

Qualquer estudo da linguagem é hoje, de alguma forma, tributário de Saussure, quer tomando-o com ponto de partida, assumindo suas postulações teóricas, quer rejeitando-as. No nosso caso, a referência deste teórico deve-se, sobretudo, a sua célebre concepção dicotômica entre língua e a fala. Embora reconhecendo o valor da revolução linguística provocada por Saussure (2006), logo se descobriram os limites dessa dicotomia pelas consequências advindas da exclusão da fala do campo dos estudos linguísticos.

Dentre os que perceberam essa *limitação saussuriana* que colocava como objeto da linguística apenas a língua, tendo-a como algo abstrato e ideal a construir um sistema sincrônico e homogêneo, está Bakhtin (Voloshinov, [1929] 1995), que, com seus estudos, antecipa de muito as orientações da linguística moderna, possuindo uma singularidade polissêmica, (des)marcada pela historicidade, segundo Ramos (2008), Fiorin (2009) e Faraco (2003).

Palmilhando a trilha aberta por Saussure (2006), Bakhtin parte também do princípio de que a língua é um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. No entanto, afasta-se do mestre genebrino ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada participante, valorizando dessa forma a enunciação, conforme Faraco (2003; 2013).

Visando à formulação de uma teoria do enunciado, Bakhtin (1992a; 1992b) atribui um lugar privilegiado à enunciação enquanto realidade da linguagem: A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe

peçoal e social, dentro de um corpo investido de significação simbólica. Tendo as experiências, as relações e as percepções do mundo no qual foram inseridos serão significativas na construção do seu sistema cognitivo e afetivo e em seu desenvolvimento.

também uma outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação.

Dessa forma, ele diverge dos seus antecessores (Saussure e a escola do subjetivismo individualista representado por Vossler (1959) e seus discípulos), para quem o enunciado era um ato individual e, portanto, uma noção não pertinente linguisticamente. Bakhtin ([1929] 1997), aliás, não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá à situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e a explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal.

Ao compreender que “a língua é construída socialmente e que ela produz mudanças nos participantes de um determinado contexto, percebe-se a relevância da disposição de um olhar mais crítico sobre as práticas de ensino de línguas estrangeiras, conforme Autor (2014, p. 18). Isso porque, segundo Marcushi (2012), não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações situadas. Assim, a língua e a linguagem tornam-se algo pertencentes à comunidade e não a indivíduos concebidos isolada e independentemente de acordo com Rajagopalan (2003, p. 51) e para tal, “as concepções alternativas do homem nas quais ele é visto antes e sobretudo como ser social. O social nessas concepções é visto como atributo essencial do homem, a sua própria natureza”.

Como, através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a constituir, no bojo de sua teoria, uma realidade fundamental da língua, segundo Fiorin (2009). O interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado. Da concepção de signo linguístico como um *signal* inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato, passa-se a uma outra compreensão do fenômeno: à de signo dialético, vivo, dinâmico.

Essa visão da linguagem como interação social para o ensino de LE, em que o *Outro* desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo o ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso, à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo é

orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos, conforme elucidado por Bakhtin (1992a; 1992b).

Nessa perspectiva, fica evidente que a linguística imanente que se limite ao estudo interno da língua não poderá dar conta do seu objeto. É necessário que ela traga para o interior mesmo do seu sistema um enfoque que articule o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem à ideologia, segundo Marcuschi (2010; 2012). Sistema de significação da realidade, a linguagem é um distanciamento entre a coisa representada e o signo que a representa, de acordo com Barthes (1996; 2002). E é nessa distância, no interstício entre a coisa e sua representação sígnica, que reside o ideológico.

Para Bakhtin (Voloshinov, [1929] 1995), a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência ou polissemia de sentidos. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes, de acordo com Faraco (2013).

Consequentemente, a linguagem não pode ser encarada como uma identidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, no qual o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade, conforme nos mostra Bakhtin (Voloshinov, [1929] 1995, p. 19) quando afirma:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sobra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No

entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem.

Mais tarde, ao definir a tarefa da semiologia³, Barthes (1996; 2002) sublinha também a importância do caráter ideológico do signo. Para este autor, a ideologia deve ser buscada não apenas nos temas em que tem sido mais facilmente percebida, mas sobretudo, nas formas, isto é, no fundamento significante da linguagem, que é o lugar no qual se dá a sua materialidade:

Uma das possibilidades da semiologia, enquanto disciplina ou discurso sobre o sentido, é precisamente dar instrumentos de análise que permitam circunscrever a ideologia nas formas, isto é, onde ela em geral é menos procurada. O alcance ideológico dos conteúdos é algo percebido desde há muito tempo, mas o conteúdo ideológico de formas, se quiserem, constitui, de certo modo, uma das grandes possibilidades de trabalho do século (ROBIN, 1973 apud BARTHES, 1996, p. 68)

O reconhecimento da dualidade constitutiva da linguagem, isto é, do caráter ao mesmo tempo informal e atravessado por entradas subjetivas e sociais, provoca um deslocamento nos estudos linguísticos e educacionais até então balizados pela problemática colocada pela oposição língua/fala que impôs uma linguística da língua, segundo Ramos (2008). Estudiosos da Linguística (Aplicada), de acordo com este autor, passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema estrutural ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse polo da dicotomia saussuriana.

Barthes diz que o "objeto em que se inscreve o poder é a linguagem ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua" (2002, p. 54). Explica ainda, com base nas ideias de Foucault ([1969] 2008), que o

³ A semiologia é uma ciência que estuda todos os sistemas de signos na vida social. O termo tende a ser usado como sinônimo de *semiótica* embora os especialistas façam algumas distinções entre ambos. Pode-se dizer que a semiologia trata de todos os estudos relacionados com a análise dos signos, quer linguísticos (vinculados à semântica e à escrita) quer semióticos (signos humanos e da natureza). De acordo com a semiologia, o signo linguístico tem quatro características fundamentais, que são a arbitrariedade, a linearidade, a imutabilidade e a mutabilidade.

poder é múltiplo, é onipresente, atravessa toda a História. O poder se inscreve na linguagem, sua natureza é intrinsecamente política, porque ela sujeita os que a falam a sua ordem, segundo Fiorin (2009).

Os silenciamentos⁴ operados pelo discurso manifestam uma relação de poder, os discursos que circulam no espaço social são submetidos à ordem do poder, não são todos equivalentes, como exemplificado por este autor. Os usos linguísticos podem ser o espaço da pertença, mas também da exclusão, da separação e até da eliminação do outro. Por isso, a língua não é um instrumento neutro de comunicação, mas é atravessada pela política, pelo poder, pelos poderes.

E essa instância da linguagem é a do discurso. Ela possibilitará operar a ligação necessária entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico a partir do momento em que se sentiu que “o liame que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas deste texto não é de nenhuma forma secundário, mas constitutivo das próprias significações” (HAROCHE et al., 2007, p. 98). O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso.

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o “sistema-suporte das representações ideológicas [...] é o ‘médium’ social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais”, segundo Braga (1980 apud Brandão, 2012, p. 11).

Como elemento de mediação necessária entre o ser humano e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de

⁴ Há três formas de silêncio definidas por Orlandi (2007): o silêncio fundador, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; o silêncio constitutivo, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem e o silêncio local, referindo-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. Porém, neste artigo será tratado apenas o silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não diz, a partir da concepção de silêncio local.

produção. Esse será o enfoque a ser assumido por uma nova tendência linguística que irrompe na década de 1960: a análise do discurso.

Preconizando, assim um quadro teórico que alie o linguístico ao sócio-histórico, na análise do discurso (AD), dois conceitos tornaram-se nucleares: o de ideologia e o de discurso. As duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD são, do lado da ideologia, os conceitos de Althusser e, do lado do discurso, as ideias de Foucault, segundo Bronckart (1999).

É sob a influência dos trabalhos desses dois teóricos que Pêcheux (1975; 1997), um dos estudiosos mais profícuos da AD, elabora os seus conceitos, pois

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 1997, p. 53)

De Althusser, a influência mais direta se faz a partir de seu trabalho sobre os aparelhos ideológicos de Estado na conceituação do termo *formação ideológica*, de acordo com Charaudeau; Maingueneau (2004). E será da *Arqueologia do saber* ([1969] 2008) de Foucault que Pêcheux extraiu a expressão *formação discursiva*, da qual a AD se apropriou, submetendo-a a um trabalho específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as reflexões que emergiram com nossas leituras e discussões, destacamos o fato de que não apenas o estruturante das línguas, mas especificamente a prática destas (enunciações) é que potencializa a sua aprendizagem. Da mesma forma, vale destacar que a aprendizagem e o

ensino de LE, assim como todas as outras abordagens existentes, pressupõe a interação do sujeito como um todo, com todos os sentidos. Nessa abordagem, portanto, procuramos não separar o viver do aprender (MATURANA, 2001), destacando a complexidade deste processo.

Logo, a consciência linguística constrói-se na interação social, ou seja, na sociedade. Por isso, os conteúdos que a formam e a manifestam são semióticos. A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s).

O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. (FIORIN, 2009, p. 156)

Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico, conforme Fiorin (2009). Nessa mesma direção, podemos trazer, ainda, algumas questões ligadas à ideia de experiência. Segundo Larrosa (2011), a questão da experiência tem muitas possibilidades no campo educativo. Para ele, então, não há experiência sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, ou de um acontecimento exterior à pessoa, estranho e fora dela mesma, ainda que o lugar da experiência seja o indivíduo em si. O sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, com o qual se altera.

Esta pesquisa não esgota as possibilidades no campo dos estudos discursivos, abordagem interacional, na promoção das práticas enunciativas e ensino de LE; pelo contrário, mostra que se tem um caminho já trilhado por professores e pesquisadores competentes, com bons frutos já colhidos, em pesquisas e atividades profícuas e comprometidas, mas que muito ainda há para se avançar. Esperamos, com a apresentação deste trabalho, encorajar o desenvolvimento de outras pesquisas e instigar a curiosidade investigativa de professores e pesquisadores no campo dos estudos discursivos, abordagem interacional, na promoção das práticas enunciativas e ensino de LE no sentido de fortalecer e integrar as diversas áreas do saber numa perspectiva transdisciplinar, buscando formas de fazer com que a

teoria alcance a prática e se reflita nela na Linguística (Aplicada) no desenvolvimento do ensino de LE.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). Em: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. pp. 277-326.

_____. O problema do texto (1959-1961). Em: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992b. pp. 327-358.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª Ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1929] 1997.

_____. ; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 1995.

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. 4ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *Aventura semiológica*. Tradução de Maria de Santa Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2012.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ-PUC-SP, 1999.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução de Fabina Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2004.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

_____. Criação ideológica e dialogismo. Em: *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola. 2013. pp. 69-93.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. Em: *ALEA: Estudos Neolatinos*. v. 11 n. 1. Rio de Janeiro, jan/jun 2009. pp. 148-165. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/alea/v11n1/v11n1a12.pdf> > Acesso em 15 de julho de 2015.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. 3ª Reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2008. Disponível em:

<<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/FOUCAULT.pdf>>

Acesso em 06 de abril de 2015.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Em: BARONAS, R. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção – conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. pp. 93-106.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>

Acesso em 14 de julho de 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2012.

MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ORLANDI, E.P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP. 6ª Ed., 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1997.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMOS, R. J. Roland Barthes: a semiologia da dialética. Em: *Conexão-Comunicação e Cultura*. UCS, Caxias do Sul. v. 7 n. 13, jan/jun. 2008. pp. 158-169. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/158/149>>

Acesso em 15 de julho de 2015.

REIS, M. G. M. *O texto teatral e os jogos dramáticos no ensino de francês língua estrangeira*. Tese de doutorado. 259f. Doutorado em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2008. Disponível

em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-02122008-171004/pt-br.php>> acesso em 10 de julho de 2015.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

AUTOR, *A-TUA-AÇÃO: O texto teatral, o corpo e a voz como mediadores na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (Francês)*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Linguística Aplicada. 106f. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17176>> Acesso em 20 de agosto de 2015.

VOSSLER, K. *Espíritu y cultura en el lenguaje*. Tradução de Aurelio Fuentes Rojo. Madrid: Cultura Hispánica, 1959.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.